

## **A MÍDIA DIANTE DA TRAGÉDIA: UM ESTUDO SOBRE A COBERTURA JORNALÍSTICA DO INCÊNDIO DA BOATE KISS**

CAROLINA SCISLEWSKI BERTOLDI MATTOS<sup>1</sup>;  
PAULO CAJAZEIRA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – carolinasbertoldimattos@outlook.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – cajazeirap@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

O incêndio ocorrido na Boate Kiss, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 27 de janeiro de 2013, resultou em 242 mortes e marcou profundamente a história da cidade e do país. Considerada uma das maiores tragédias em ambientes fechados no Brasil, o caso expôs falhas de segurança, fiscalização e preparo para situações de emergência. Mais do que uma tragédia local, o episódio alcançou repercussão nacional e internacional, sendo amplamente noticiado por diferentes meios de comunicação.

A relevância do tema justifica-se pela necessidade de compreender como a imprensa, em suas diferentes plataformas e escalas de alcance, abordou a tragédia. Ao analisar a cobertura midiática da Boate Kiss, é possível identificar tanto as potencialidades quanto as limitações do jornalismo em situações de crise. Este trabalho busca, portanto, analisar como a imprensa noticiou o incêndio, destacando as especificidades da cobertura regional, nacional e internacional, bem como as diferenças entre os diversos formatos midiáticos — rádio, televisão, imprensa escrita e mídias digitais.

### **2. METODOLOGIA**

O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, com base em reportagens veiculadas à época do incêndio, artigos acadêmicos que discutem a cobertura jornalística e obras teóricas sobre jornalismo e mídia. Foram considerados materiais de jornais impressos, emissoras de televisão, rádios, portais digitais e registros em redes sociais.

A pesquisa bibliográfica possibilitou a análise crítica de fenômenos a partir de contribuições já publicadas, enquanto a análise documental permitiu identificar padrões, enfoques recorrentes e estratégias narrativas adotadas pela imprensa. A metodologia aplicada buscou, portanto, confrontar diferentes registros midiáticos e relacioná-los com teorias da comunicação, de modo a compreender como a tragédia foi narrada por distintos veículos de informação.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A cobertura da Boate Kiss evidenciou diferenças significativas entre os meios de comunicação. Cada veículo atuou a partir de sua lógica própria, marcada pelo alcance, pelo público-alvo e pelos recursos disponíveis, o que resultou em narrativas complementares, mas também em disputas éticas e editoriais.

O jornalismo, segundo Kovach e Rosenstiel (2004), tem como missão fundamental fornecer aos cidadãos informações confiáveis para que possam compreender a realidade e agir sobre ela. Nesse sentido, a imprensa regional atuou

de forma próxima à comunidade, a televisão nacional mobilizou impacto emocional, a imprensa escrita aprofundou análises e contextualizações, e as mídias digitais ampliaram a velocidade da informação e a participação cidadã.

No âmbito da imprensa regional, rádios e jornais de Santa Maria foram os primeiros a informar sobre a tragédia. Rádios locais, como a Imembuí e a Gaúcha, priorizaram orientações de utilidade pública, como a necessidade de doações de sangue e informações sobre atendimento hospitalar. Essa função de serviço, descrita por Lage (2001) como central ao jornalismo comunitário, evidenciou a proximidade desses veículos com a população. O jornal Diário de Santa Maria, por sua vez, dedicou edições especiais, publicando listas de vítimas e reportagens sobre o impacto da tragédia na vida local, consolidando-se como mediador da memória coletiva (Huyssen, 2000).

Na televisão nacional, a cobertura foi marcada pela dramatização. A Rede Globo mobilizou correspondentes, exibiu plantões e dedicou grande parte de sua programação ao incêndio, sobretudo no Fantástico do dia 27 de janeiro. Outras emissoras, como Band e Record, destacaram imagens de forte apelo emocional, repetidas em diferentes momentos da programação. Segundo Traquina (2005), a televisão tende a privilegiar enquadramentos emocionais em situações de crise, aproximando o público do sofrimento retratado. Entretanto, esse recurso foi criticado por reforçar o sensacionalismo (Martins, 2017). O sensacionalismo, nesse contexto, representou um desafio ético importante, pois, ao mesmo tempo em que garantia audiência e visibilidade, corria o risco de reduzir a tragédia a um espetáculo midiático. A exploração repetitiva de imagens e depoimentos de familiares, em alguns momentos, ultrapassou a função informativa e gerou debates sobre os limites da cobertura jornalística em casos de sofrimento coletivo. Já o SBT dividiu espaço entre a tragédia e outros temas, adotando uma abordagem menos aprofundada, o que, de acordo com Lima (2019), demonstra a diversidade de estratégias editoriais diante de acontecimentos de grande impacto.

A imprensa escrita de circulação nacional buscou uma abordagem mais analítica. Jornais como Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo relacionaram a tragédia a falhas na legislação e na fiscalização de casas noturnas, além de contextualizar a precariedade das normas de segurança contra incêndio no Brasil. Essa postura se aproxima do que Kovach e Rosenstiel (2004) definem como responsabilidade do jornalismo de oferecer sentido ao noticiário. Os impressos nacionais, ao avançar em investigações e análises, forneceram elementos para uma compreensão mais ampla do problema, indo além do imediatismo das imagens televisivas.

Nas mídias digitais e redes sociais, o episódio demonstrou a força da circulação de informações em tempo real. Familiares e amigos usaram Facebook e Twitter para divulgar fotos de desaparecidos e solicitar ajuda. Esse fenômeno dialoga com o conceito de jornalismo cidadão (Gillmor, 2004), no qual os próprios usuários participam da produção e difusão de informações. Contudo, a ausência de filtros editoriais também favoreceu a disseminação de rumores, exigindo que os veículos profissionais reforçassem o trabalho de checagem (Silva, 2018).

Por fim, a cobertura internacional deu visibilidade mundial ao caso. Veículos como BBC, The New York Times e El País noticiaram a tragédia, destacando o alto número de mortos e comparando com incêndios semelhantes ocorridos em outros países. Essa repercussão internacional reforçou a dimensão da tragédia e trouxe à tona debates sobre padrões de segurança em estabelecimentos de entretenimento. Assim, observa-se que cada tipo de mídia desempenhou um papel distinto: enquanto a imprensa local ofereceu serviço e proximidade, a televisão nacional

mobilizou emoção, os jornais impressos aprofundaram análises, as mídias digitais proporcionaram rapidez e interatividade, e a imprensa internacional projetou a tragédia globalmente.

Entretanto, a análise da cobertura não pode se limitar ao momento imediato da tragédia. Os desdobramentos da Boate Kiss mostram como a imprensa tem papel fundamental na manutenção da memória coletiva. Mais de uma década depois, ainda surgem repercussões, seja no campo jurídico, com o andamento de processos e julgamentos de responsáveis, seja no campo social, com manifestações e homenagens às vítimas. Essa permanência nos noticiários reforça a relevância do jornalismo na preservação da memória pública e na cobrança por justiça.

A cobertura jornalística, ao manter o tema em evidência, evitou que o esquecimento apagasse as lições extraídas da tragédia. Ela mostrou a importância de repensar legislações, fiscalizações e políticas de segurança, além de trazer reflexões éticas sobre a forma como a dor coletiva deve ser retratada. Ao mesmo tempo, evidenciou que tragédias dessa magnitude não se encerram no momento em que deixam de ocupar o espaço do “furo” noticioso, mas permanecem vivas enquanto memória e aprendizado social.

Portanto, a cobertura da Boate Kiss não foi apenas um registro factual da maior tragédia em número de vítimas no Rio Grande do Sul, mas também um exercício contínuo de reflexão sobre os limites do jornalismo, a responsabilidade social da imprensa e a importância de manter vivas as histórias que marcaram uma comunidade inteira. A memória construída pela mídia, nesse caso, é também parte da história do país e dos desafios futuros para o exercício ético da profissão.

#### **4. CONCLUSÕES**

A análise da cobertura jornalística da Boate Kiss evidencia que diferentes veículos e plataformas desempenharam papéis complementares, cada um com suas particularidades e limitações. A imprensa regional atuou de forma próxima à população, oferecendo informações imediatas e serviço público; a televisão nacional mobilizou emoção e impacto visual; a imprensa escrita aprofundou análises e contextualizações; enquanto as mídias digitais ampliaram a velocidade da informação e possibilitaram a participação cidadã. Além disso, a cobertura internacional projetou a tragédia para o cenário global, reforçando debates sobre segurança e responsabilidade social.

A tragédia mostrou que o jornalismo não se limita à transmissão de fatos, mas exerce papel central na construção da memória coletiva, na reflexão ética e na promoção de mudanças sociais. Ao registrar, investigar e revisitar os acontecimentos da Boate Kiss, a imprensa contribuiu para a preservação da história, o debate público sobre prevenção de desastres e o fortalecimento do compromisso ético da profissão. Assim, a cobertura do episódio confirma a relevância do jornalismo como instrumento de informação, educação e reflexão, lembrando que, mesmo diante de tragédias, a responsabilidade editorial e a sensibilidade social permanecem essenciais.

Dessa forma, o episódio se tornou não apenas um marco de luto coletivo, mas também um estudo de caso relevante para compreender os desafios, responsabilidades e limites do jornalismo contemporâneo.

#### **5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS**

GILLMOR, D. We the media: grassroots journalism by the people, for the people. Sebastopol: O'Reilly, 2004.

HUYSEN, A. Present pasts: urban palimpsests and the politics of memory. Stanford: Stanford University Press, 2000.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. The elements of journalism: what newspeople should know and the public should expect. New York: Crown Publishers, 2004.

LAGE, C. Jornalismo comunitário: princípios e práticas. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MARTINS, P. R. Sensacionalismo e ética jornalística: dilemas na cobertura de tragédias. Revista Brasileira de Comunicação, v. 15, n. 2, p. 45–60, 2017.

SILVA, F. A. Jornalismo digital e verificação de informações: desafios na era das redes sociais. Comunicação & Sociedade, v. 32, n. 1, p. 89–105, 2018.

TRAQUINA, N. Television journalism: the first ten years. London: Routledge, 2005.